

Inovando e instituindo outras formas de estar juntos nos eventos acadêmicos

Innovating and instituting other ways to be in the academic events

● Valeska Maria Fortes de Oliveria¹
Ionice da Silva Debus²

RESUMO

Este texto parte de uma reflexão acerca de um trabalho de cunho inovador acerca dos eventos na área da Educação. Esta ideia vem sendo realizada pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social (GEPEIS), da Universidade Federal de Santa Maria, sendo foco deste trabalho o V Ouvindo Coisas – a instituição imaginária da cidade: a cidade que temos e a cidade que queremos. Ao organizarmos este evento, pensamos em uma configuração que funcionasse como dispositivo de reflexão sobre os formatos atuais de eventos na área educacional, onde as trocas, os intercâmbios e as escutas entre os pesquisadores têm sido dificultados. Com esta ideia, viemos há cinco anos buscando trabalhar contra a lógica individualista que está instituída na maioria dos espaços acadêmicos, pois acreditamos na importância de se estabelecerem relações que promovam a escuta do outro. No desejo de transmutar o formato clássico dos eventos na contemporaneidade, oferecemos aos participantes experimentações sensíveis a partir do vivido.

Palavras-chave: Formação docente. Imaginário Social. Inovação Educacional.

1 vfortesdeoliveira@gmail.com | Universidade Federal de Santa Maria

2 Universidade Federal de Santa Maria

Inovando e instituindo outras formas de estar juntos nos eventos acadêmicos

Innovating and instituting other ways to be in the academic events

ABSTRACT

This text starts from a reflection on an innovative work about the events in the area of Education. This idea has been carried out by the Group of Studies and Research in Education and Social Imagination (GEPEIS), Federal University of Santa Maria, being the focus of this work V Listening Things - the imaginary institution of the city: the city we have and the city we want. When we organized this event, we thought of a configuration that would act as a device for reflection on the current formats of events in the educational area, where exchanges and listening among researchers have been hampered. Based on this idea, we have been working for five years to work against the individualistic logic that is established in most academic spaces, because we believe in the importance of developing relationships that promote the listening of the other. In the desire to transform the classic format of events in the contemporary, we offer the participants sensory experiences from the living.

Keywords: Teacher training. Social imaginary. Educational innovation.

1 Palavras iniciais

Ao propormos este evento, pensamos em uma configuração que funcione como dispositivo de reflexão sobre os formatos atuais de eventos na área educacional, propondo um movimento inovador, visto que percebemos que as trocas, os intercâmbios e as escutas entre os pesquisadores têm sido dificultados por vários fatores colocados em debate. Acreditamos que podemos instituir outras formas de estar juntos mais significativas e intensas, com um desenho de evento onde os participantes tenham a disposição para a escuta e a leitura dos temas envolvidos e o envolvimento seja também coletivo.

Com esta proposta, viemos há cinco anos buscando trabalhar contra a lógica individualista que está instituída na maioria dos espaços acadêmicos, pois acreditamos na importância de se estabelecerem relações que promovam a escuta do outro. Portanto, nossa contribuição com este evento se deu através da construção de um território que permitiu experimentar o estar juntos sob uma nova perspectiva, o sensível.

Para tanto, nossa expectativa de público inicial e que se confirmou eram em torno de 200 pessoas, entre elas: estudantes dos Cursos de Pedagogia, Educação Especial, Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), estudantes de cursos afins e de outras universidades, bem como professores, funcionários, pesquisadores e profissionais ligados à área.

Este teve como objetivo geral: oferecer aos participantes um espaço de produção de conhecimentos a partir de experimentações sensíveis e do vivido, nas questões ligadas ao imaginário e à dimensão do coletivo nos diferentes espaços e formações sociais. Para isso, tomou-se a estética como uma das outras formas de expressão para integrar ciência, educação, arte, música, fotografia, cinema, poesia e imaginário.

Já os objetivos específicos foram:

- Organizar vivências e espaços de discussões que sejam significativos e que produzam diferentes sensações, valorizando as experiências sensíveis atravessadas pelas teorias do imaginário;
- Dar enfoque ao trabalho compartilhado, acreditando na ideia de grupos como dispositivos de formação;
- Consolidar uma rede de investigação construída a partir de temas como Imaginário, Memória, Formação Docente; e
- Promover intercâmbios de investigação com outros grupos do estado, do país e de outros países.

Diante desses objetivos propostos, entendemos que conseguimos alcançar todos, visto que o evento teve um grande número de participantes e trabalhos apresentados, bem como discussões de diversas temáticas mediadas pelos provocadores convidados.

Assim, estando na quinta edição do nosso evento, o percebemos como já consolidado na área de Educação e Imaginário, tornando-se importante espaço para pensarmos a Educação de maneira geral, como o lugar instituinte de novas formas e sentidos para a formação. Com isso, pretendemos dar continuidade, organizando o próximo para 2018, pois está sendo realizado a cada dois anos.

2 O caminho percorrido

Ao pensarmos num evento provocativo, exercitando o que pensamos ser o mais potente no campo teórico que partilhemos – o do imaginário social – que traz a possibilidade de lermos o instituído movimentando energias e ações instituintes, desnaturalizamos, assim, nossas criações que podem ser sempre transformadas.

Pensar em outras formas coletivamente, mobilizou-nos a criar um evento onde a centralidade fosse ouvir, mas não somente com o uso da nossa capacidade e do nosso aparelho biológico, mas como exercício daquilo que Barbier (2000) chama de “escuta sensível”. Escutar sensivelmente a partir

de experimentações estéticas, éticas e políticas, capaz de mobilizar nossa imaginação criadora para outras perguntas e possíveis alternativas de respostas no campo da educação, da comunicação e das formas de viver.

Pensávamos então na desconstrução, necessária para o processo de desaprendizagem das pessoas com os modelos, as formas naturalizadas. Um exemplo é a inscrição de trabalho num grupo que, muitas vezes, nem sequer houve o trabalho apresentado e que requer aparato como *data show*, porque o tempo também passa ser o *chronos*, controlado, cronometrado e, portanto, passível de comprometer o próprio debate, a interação entre pesquisadores que investigam as mesmas temáticas. Instituímos as **rodas de conversa nas salas**, onde os trabalhos inscritos no eixo temático eram enviados a todos os participantes que, para poderem interagir uns com os outros, precisariam de um olhar atento, anterior à realização do evento.

Também queríamos, na esteira das desaprendizagens, problematizar a cultura docente que agrega sempre valores em torno de grandes nomes de pesquisadores, muitos distantes da realidade da educação brasileira, mas que pelos nomes e livros que divulgaram em nossa bibliografia acadêmica, acabam por serem venerados e comprados como palestrantes e conferencistas que chamam pessoas aos eventos, agregando valor aos mesmos. Instituímos os **provocadores culturais** no lugar dos palestrantes e conferencistas.

Por sermos um grupo transdisciplinar, movimentamos todas as áreas do conhecimento e, mais especialmente, todas as artes, por entendermos também este espaço/lugar/território e dispositivo como potente para experimentações éticas, estéticas e políticas.

Agregamos sempre nossos projetos e as redes de trabalho, nacionais e internacionais, que vimos participando através de pessoas e temas investigativos. Há alguns anos, estamos numa rede nacional que reúne vários pesquisadores e militantes do cinema na educação e a potência da sétima arte na formação de professores. Entramos intensamente numa rede coordenada pela professora Inês Teixeira da Universidade Federal de Minas Gerais que chamou para uma pesquisa nacional outros estados e instituições do país. Temos aproveitado essa inspiração, num movimento com as redes e as escolas, sensibilizando os professores para o trabalho com o audiovisual, em parcerias com outras associações que já tem um largo caminho, sempre com o intuito de somar forças e energias criativas. **Rede que continuamos mobilizando na realização da quinta edição do Ouvindo Coisas.**

No ano de 2015, passamos a compor um trabalho de intervenção criativa nos cursos de formação de professores, coordenado pelo professor Luciano Bendin da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde estamos empenhados na ampliação de um dicionário com verbetes produzidos pelos estudantes a partir das suas implicações com palavras. **Rede que agregamos nessa quinta edição do Ouvindo Coisas.**

Quando começamos a imaginar qual seria o tema da edição deste ano, no meio de tanta indignação com os cenários da sociedade e da política brasileira e movidos por um sentimento de produzir debate e pensamentos com potência criativa, acabamos por tomar a cidade como objeto de atenção. Ano eleitoral, ano de campanhas, ano de discursos tomando nossas casas e as ruas das cidades, bem como o espaço das mídias, inscrevendo, assim, a necessidade de trazer a reflexão sobre cidades imaginárias. Imediatamente, por reconhecimento, pensamos que uma parceria já de outras edições do Ouvindo Coisas não poderia ficar de fora, o Grupo da **Unicamp**, representado em outros momentos pela pesquisadora **Cristiane Dias**, como uma das provocadoras na questão das urbanidades, projeto desenvolvido por essa equipe de pesquisadores. **Rede que ampliamos em reconhecimento ao trabalho já realizado, qualificando nossa quinta edição do Ouvindo Coisas.**

Não poderíamos deixar de mencionar nosso grupo parceiro, desde a primeira edição do Ouvindo Coisa e, por ser sua coordenadora a vice-líder do GEPEIS, **professora Lúcia Maria Vaz Peres, da Universidade Federal de Pelotas**, que implica-se, neste evento, a partir de estudos do campo

do imaginário, com o Grupo de Estudos e Pesquisas em Imaginário, Educação e Memória (GEPIEM). Nosso reconhecimento pelo trabalho compartilhado nesses anos potencializa nossas energias criativas.

Ainda, congregam todas as edições do Ouvindo Coisas, **todos os pesquisadores** que continuam investindo no campo do imaginário e que, em algum momento dos seus trajetos formativos, estiveram construindo o **GEPEIS** e que hoje estão em outras instituições e estados do país e também no nosso estado. **As escolas das redes de ensino**, sempre parceiras, também trouxeram os pesquisadores do GEPEIS para essa edição.

É importante ressaltar que nosso evento ocorreu durante os dias de ocupações dos prédios da universidade, pelos alunos, greve dos técnicos administrativos em Educação e de professores. Toda a estrutura pensada anteriormente precisou ser revista, novos espaços criados, o que não prejudicou em nada o êxito das atividades.

Sendo um grupo do Imaginário, tendo como temática do evento a “cidade que temos e a cidade que queremos”, e acreditando na importância da luta por uma Educação de qualidade, não poderíamos deixar de participar dos protestos, aliando nosso evento ao movimento. Assim, a própria organização do espaço físico contou com lonas pintadas pelos alunos, reivindicando seus direitos e variados protestos em prol de melhorias de condições e por uma universidade digna a todos.

Assim, o evento se realizou em dois dias intensos de atividades, em que na manhã do primeiro dia (conforme programação em anexo), tivemos na abertura a fala da coordenadora do GEPEIS, professora Valeska Fortes de Oliveira, juntamente com a professora Andrisa Kemel Zanella, representando a professora Lúcia Maria Vaz Peres, vice-líder do grupo, que estava na programação, mas não pode se fazer presente.

Juntamente, na abertura, tivemos as “Danças Circulares”, atividade realizada sob a coordenação da professora Deisi Sangoi Freitas, em que proporcionou a interação dos participantes, em um momento único, ao ar livre, no gramado do prédio de Espaço Multiuso, ressignificando as aberturas convencionais de eventos.

Dando sequência às atividades, agora dentro do Espaço Multiuso, tivemos a provocação teatral “Ouvindo a cidade”, com as professoras Cândice Moura Lorenzoni e Camila Borges dos Santos, da UFSM.

Logo após, tivemos a fala da professora Cristiane Dias, da Unicamp, intitulada “A cidade é nossa: andar na rua, andar sem medo – rede, ocupação e outros vãos”.

O intervalo da manhã contou com o “Café com Cinema da TV Ovo”, reafirmando nosso envolvimento e a importância do cinema nas nossas pesquisas e atividades, citadas anteriormente, e também como espaço cultural durante o *coffee break*.

Após o intervalo, tivemos as provocações “Caminhadas Urbanas” com a professora Josicler Alberton, da UFSM, e “Arquigrafia – imagens e imaginários urbanos”, com o professor Artur Rozestraten, da USP.

À tarde, a continuidade ocorreu com a realização dos minicursos, sendo: a) o minicurso 1: Recortes Poéticos do Cotidiano: táticas de olhar, ministrado pela professora Paula Mastroberti da UFRGS; b) o minicurso 2: Pedagogia do Silêncio, com o professor Eduardo Pacheco da UERGS e o professor José Everton Rozzini da UFPel; c) o minicurso 3: Visualidades da Cidade com o professor André Dalmazzo e a professora Danielle Difante Pedrozo, ambos da UFSM e o professor Deonir Luiz Kurek da Unioeste; d) o minicurso 4: Imaginário, Educação e Memória, seria com a professora Lúcia Maria Vaz Peres, que por motivo de força maior não pode estar presente, foi substituída pela professora Andrisa Kemel Zanella; e) o minicurso 5: Criar na Cidade, ministrado pela professora Waléria Fortes da UFSM; e f) o minicurso 6: Fanzines e poesia marginal, com Nicolas Nardi, Camila Porto e Giorgio Marco da UFRGS.

À noite, a programação continuou no Bar Vaca Profana com a Roda de Conversa Saúde na

cidade com o Enfermeiro Leo Jaime da Silva, do CAPS Nossa Casa, o psicólogo Luiz Henrique Ramalho Pereira, da ULBRA, o professor Guilherme Corrêa, da UFSM, mediada pela psicóloga e professora da UNIFRA, Vânia Fortes de Oliveira. Juntamente tivemos a intervenção artística de Saca-Rolhas Teatro e Cia.

No segundo dia de evento, as atividades iniciaram com a performance “Instituto Benjamenta”, com acadêmicos da Licenciatura em Teatro da UFSM e a professora Inajá Neckel, da UFSM.

Em seguida, tivemos a fala “Palavras grandes e palavras pequenas no contexto da cidade”, com o professor Luciano Bendin da UFRGS. Dando continuidade, tivemos a fala “Entre Megalópolis (Brasil, Leon Hirzman, 1972) e Koyaanisgatsi (EUA, Godfrey Reggio, 1982): a cidade acelerando o caos”, com o professor Marcos Villela Pereira, da PUC RS.

Finalizando as atividades da manhã, contamos com a fala “Edificações da cidade”, com o professor Adriano Falcão, da UNIFRA.

A tarde do segundo dia de evento iniciou com a fala “Que cidade há atrás das grades”, do professor Luis Fernando Marques e da professora Márcia Paixão da UFSM, acerca das questões vivenciadas na Fundação CASE com menores infratores e na ala feminina do presídio.

Em seguida, aconteceram as rodas de conversas, todas realizadas no Espaço Multiuso da UFSM em função da ocupação e da greve dos funcionários e professores. A princípio, as rodas seriam alocadas em salas de aulas dos prédios próximos ao Multiuso para facilitar o deslocamento dos participantes. Como não tivemos acesso às salas de aula, as rodas foram feitas em círculos formados com cadeiras do Multiuso, sendo que uma delas foi realizada dentro espaço, duas do lado de fora e uma na sombra das árvores próximas ao prédio do Multiuso.

Em cada uma das rodas, os apresentadores dos trabalhos puderam falar sobre suas escritas, com intensas trocas de experiências entre todos os participantes, tendo dois mediadores em cada uma delas. Foram momentos ricos em aprendizagens significativas, em que a ideia primeira do nosso evento pôde se concretizar, pois todos se envolveram e ouviram uns aos outros, sem o uso de *data show* ou outro material de apoio que não fosse a própria fala e escuta do outro.

Enquanto os trabalhos iam sendo apresentados e mediados, foi disponibilizada aos participantes de cada roda de conversa uma cesta de frutas para o lanche, sem intervalo entre os trabalhos. Assim, quem tivesse vontade ia pegando uma fruta e as discussões seguiam em clima agradável.

A Roda de conversa 1 – Imaginário e Arte, foi mediada pela professora Andrisa Kemel Zanella da UFPel e pela professora Cândice Lorenzoni da UFSM. Esta roda reuniu trabalhos que enfatizavam a discussão de artes no campo da educação, não apenas como uma discussão específica e disciplinar, mas contribuindo para o campo simbólico das principais e atuais pautas educacionais no cenário brasileiro. Além disso, os trabalhos abordaram os seguintes assuntos: multiculturalismo ou interculturalidade; formação estética de docentes; gênero, sexualidade e artes visuais; arte e inclusão; avaliação em arte; história do ensino da arte no Brasil; ensino de arte na educação infantil e anos iniciais; novas metodologias de pesquisa baseadas em arte.

A Roda de conversa 2 – Imaginário e Educação, foi dividida em duas, visto que tivemos uma grande quantidade de trabalhos aceitos. Então, para não prejudicar as discussões, foram formadas duas rodas, com dois mediadores cada uma. Assim, uma delas foi mediada pelo professor Vantoir Roberto Brancher, do IF Farroupilha e pela professora Maristel Kasper, do GEPEIS. Já a segunda foi mediada pelo professor Deonir Luis Kurek da Unioeste e pela Doutoranda Lonice da Silva Debus, PPGE – UFSM. Estas duas rodas reuniram trabalhos acerca do sensível e do simbólico a respeito de pressupostos teóricos sobre a docência em todos os âmbitos educacionais, a prática pedagógica nos diferentes campos de conhecimento e frente aos desafios da contemporaneidade, assim como sobre novos e outros saberes/fazer docentes e discentes. Além disso, neste eixo, constaram trabalhos referentes à formação inicial/continuada/ao desenvolvimento profissional; à produção do

conhecimento escolar e (re)formulação de propostas educacionais inovadoras, bem como sobre as políticas públicas educativas.

A Roda de conversa 3 – Imaginário e Urbanidades foi mediada pelos professores Lisandro Moura e Alexandre Vergínio Assunção, do IFSul. A cidade, tecida por conexões e relações, na memória individual e coletiva, se constitui como território fértil para o simbólico. Voltada a esta temática, a presente roda de conversa selecionou trabalhos que abordaram, de alguma maneira, a relação do homem com o espaço urbano – formado por elementos naturais, construídos e imaginados. Os trabalhos trouxeram a cidade como cenário de discussões e apropriações (patrimoniais, ambientais, sociais, artísticas, culturais, entre outras), assim como espaço educativo, rico em saberes e fazeres.

Enfim, a Roda de Conversa 4 – Imaginário e Saúde, que seria mediada pelo professor José Aparecido Celório da UEM e pela professora Vaneza Peranzoni da UNICRUZ, foi cancelada, visto que não teve nenhum trabalho inscrito.

A última atividade do evento ocorreu à noite, no Bar Boteco do Rosário, com a intervenção artística “Ladainha Campeira”, de Pedro Ribas. Também tivemos a Roda de Conversa “Cultura e os espaços da cidade”, com Luiz Alberto Cassol e Luiz Carlos Grassi, mediada pela professora Valeska Fortes de Oliveira, da UFSM.

O evento contou ainda com provocações permanentes “Fotodocumentário social”, da professora Laura Fabrício da UNIFRA, e “Cidades de Nanquim”, de Bibiano Girardi. Essas foram exposições de fotografias que ficaram dispostas ao longo de todo o evento para apreciação do público.

Outra presença importante foi de alguns integrantes de uma tribo indígena Guarani que residem em Santa Maria e não poderiam ficar de fora das discussões ao pensarmos a cidade, visto que, além de serem integrantes da nossa cidade, ainda temos alunos cotistas indígenas na universidade. Eles participaram com venda de artesanatos no local e uma fala sobre as questões de inclusão na universidade.

Então, ao realizarmos o evento, percebemos um movimento que nos faz repensar as formas e os modelos cristalizados, tanto da Educação quanto da Formação, indo na perspectiva de Ferry (2004) em que a formação é *ponerse en forma*, um trabalho sobre si que requer tempo, lugar e relação com a realidade. Segundo o autor, só há formação no momento em que há reflexão, e esta reflexão caracteriza-se como um trabalho sobre si mesmo:

Reflexionar es al mismo tiempo reflejar y tratar de comprender, y en ese momento si hay formación. Entonces sólo hay formación cuando uno puede tener un tiempo y un espacio para este trabajo sobre sí mismo. (...) Tiempo y lugar para la formación, tiempo y lugar para el trabajo sobre sí mismo, que no puede confundirse con el trabajo profesional que es un trabajo para otros. (Ibid. p.56)

Este formar-se a partir da reflexão de nossas formas de ver, pensar, saber, viver, ensinar e aprender também pode ser observado sob a perspectiva de Foucault (2010, p. 7), do cuidado de si, “é preciso que te ocupes contigo mesmo, que não te esqueças de ti mesmo, que tenhas cuidados contigo mesmo”.

A base teórica do evento é a teoria do Imaginário Social proposta por Cornelius Castoriadis. Em seu livro *A instituição imaginária da sociedade* (1982), ele escreve que é preciso aprender a pensar de uma maneira nova, a partir da imaginação e do imaginário. Nas palavras do próprio autor:

A história é impossível e inconcebível fora da imaginação produtiva ou criadora, do que nós chamamos o imaginário radical tal como se manifesta ao mesmo tempo e indissolivelmente no fazer histórico, e na constituição, antes de qualquer racionalidade explícita, de um universo de significações. (Ibid., p.176)

Assim, diante de tudo que foi vivenciado durante dois dias de intensos debates, discussões, aprendizagens e trocas das mais diversas, percebemos que uma razão imaginante foi acionada no desejo de produzir um coletivo capaz de dedicar seus pensamentos, suas vozes e ações ao tema das

idades. Cidades que temos, cidades que queremos inventar, a partir de outras práticas discursivas e vozes, de outras narrativas e outros processos que vislumbram sujeitos criativos e singularmente capazes de tomar decisões que digam sim à vida e às suas múltiplas possibilidades.

3 (Res) significando os espaços formativos

O *V Ouvindo Coisas – a instituição imaginária da cidade: a cidade que temos e a cidade que queremos* foi um evento acadêmico promovido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social (GEPEIS), que instituiu outras formas de estar juntos na universidade, de produzir e compartilhar conhecimentos sob a ótica do imaginário e da experiência estética.

Tal experiência estética prima pela sensibilidade e refere-se ao potencial de sentir em diferentes dimensões – pelo olhar, pela escuta do outro, pelas experimentações, pelo meio social, pela fala, pelo estar junto – o que nos atravessa, mobilizando a formação a partir do paradigma ético-estético (HERMANN, 2010).

É nessa perspectiva que pensamos a universidade como um lugar que possibilita vivências estéticas produtoras de subjetividades, impulsionando a formação a partir da relação experiência-sentido. Assim, refletir sobre o trabalho, a prática, as relações e o viver em sociedade, é parte primordial da formação de professores. Nesse sentido é que a quinta edição do *Ouvindo Coisas* trabalhou, na perspectiva de experiências estéticas e experimentações sensíveis pautadas nos referenciais teóricos do Imaginário Social, Memória e Formação Docente.

Assim, pensar as pessoas, a sociedade e suas relações a partir da dimensão imaginária é captar o simbolismo, as significações que estas carregam, é um processo que ultrapassa as considerações formais, determinadas. O imaginário sugere que agucemos nosso olhar às dinâmicas que nem sempre estão facilmente visíveis num primeiro momento, ele aponta que somos movidos por correntes instituídas e instituintes de significações imaginárias (CASTORIADIS, 1982).

A partir de vivências com o *V Ouvindo Coisas – a instituição imaginária da cidade: a cidade que temos e a cidade que queremos*, tivemos a existência de movimentos instituintes na universidade, que impulsionaram reflexões sobre outras formas de estar juntos, a valorização das relações humanas e da escuta sensível, sem perder o rigor e a teorização necessários à produção de conhecimento.

Portanto, o espaço primou pela aproximação dos sentidos e das representações dos atuais modos/modelos de (auto)formação, buscando, através das experiências estéticas e da valorização do sensível na academia, instituir outras formas de estar juntos, formar-se, e compartilhar experiências na universidade.

Referências

CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. **O mundo fragmentado**: as encruzilhadas do labirinto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. v.3.

_____. **Figuras do Pensável**: as encruzilhadas do labirinto. Volume VI. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

FERRY, G. **Pedagogia de la formación**. Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico, 2004.

FOUCAULT, M. **Tecnologías Del Yo Y Otros Textos Afines**. Paidós Ibérica. I.C.E. de la Universidad Autónoma de Barcelona, 1995.

_____. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GOHN, D. M. **Auto Aprendizagem musical**: alternativas tecnológicas. São Paulo: Annablue/Fapsep, 2003.

HERMANN, N. **Autocriação e horizonte comum**: ensaios sobre educação ético-estética. Ijuí: Editora Unijuí, 2010.

SOUTO, M. **El carácter de “artificio” del dispositivo pedagógico em la formación para el trabajo**. Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras, 2007.